

# Brasília, ponto de partida

MÁRCIA KUBITSCHKEK

As eleições da próxima quarta-feira significam a plena autonomia política do Distrito Federal. É esta uma grande conquista do povo brasileiro, que através de sua bancada federal, eleita em 1986, lutou para incluí-la na Constituição e conseguiu aprovar a legislação que a complementou, inclusive a que instituiu a Assembléia Legislativa do DF.

Vamos escolher, pela primeira vez pelo voto direto, o governador de Brasília. O fato, de grande significação em si mesmo, deve ensejar também que nos voltemos para o futuro e equacionemos soluções para os problemas que nos atingem.

Muitos problemas são conhecidos, e foram amplamente debatidos nesta campanha. Temos deficiências graves em transportes, educação, saúde, habitação. E haveremos de superá-las.

Mas é preciso ter consciência de que há questões de natureza diversa, a requererem nossa atenção. Questões cuja solução irá condicionar e balisar o desenvolvimento futuro do Distrito Federal e seu Entorno.

Um deles refere-se ao abastecimento d'água da capital, tão importante quanto esquecido nas discussões que hoje se travam. Os mananciais que nos servem precisam ser protegidos, e é necessário encontrar alternativas que venham a substituí-los quando esgotarem sua capacidade de suportar o crescente aumento da demanda. Além disso, muitas das nascentes de cursos d'água que nos abastecem, ou dos quais precisaremos no futuro próximo, encontram-se fora dos limites do DF. Esse fato precisa ser levado em conta, para que se equacionem soluções político-administrativas adequadas.

Outro aspecto que interessa ao futuro é a questão da industrialização do DF. Esta, sim, bastante debatida na presente campanha eleitoral.

O debate, porém, ainda que saudável e necessário, passou ao largo dos aspectos a meu ver mais importantes. E creio que está é a hora de abordá-los.

A industrialização do DF, mais que uma necessidade imposta pela exigência de mais empregos, é quase uma fatalidade. Um mercado dessas proporções, em sua maioria atendido por importações de bens produzidos em outras regiões do País, é atrativo suficiente para levar à implantação de indústrias, bem assim da estrutura dos serviços que gravitam em seu redor.

Por isso é ocioso discutir se o DF deve ou não abrigar indústrias. Elas virão, queiramos ou não. O que importa considerar é o tipo e natureza das fábricas que aqui se instalarão, os locais onde implantá-las e os impactos que terão sobre os diversos aspectos de nossa vida.

Em primeiro lugar, considere-se que Brasília foi concebida por seus criadores não como um fim em si mesma, um marco de chegada. Mas como um ponto de partida, de onde o Brasil passa a olhar para seu interior. Uma alavanca para o desenvolvimento do Centro-Oeste, ainda hoje de escassa ocupação populacional e econômica.

Isso deve levar-nos, obrigatoriamente, a pensar na questão da industrialização do DF como parte do desenvolvimento da região em que se insere, em especial seu Entorno goiano e mineiro.

Outro aspecto a ter em mente é o da preservação das características de

Brasília, como sede do poder nacional e como lugar de viver. Lembremo-nos de que esta é a única cidade moderna a merecer da Unesco o status de patrimônio cultural da humanidade.

Os critérios que defendemos com relação à industrialização têm tudo a ver com a preservação de Brasília. Precisamos de indústrias, mas de indústrias não poluentes, capazes de gerar empregos e melhorar as condições de vida do povo. É fundamental que a industrialização não cause danos ao meio ambiente de Brasília, qualidade que a torna numa cidade única, com uma área verde bem superior ao que a Organização Mundial de Saúde prevê como ideal para o bem-estar dos cidadãos. Não podemos abri mão disso. Afinal, melhorar as condições de vida de nosso povo passa, fundamentalmente pela preservação da riqueza ecológica de nossa cidade e do País.

Os próximos quatro anos serão fundamentais para que Brasília encontre seu destino final, definitivo, dentro de sua nova autonomia política. Por isso, acreditamos que votar com consciência é dever de todos nós que amamos esta cidade de uma forma diferente de qualquer pessoa de outra cidade, porque a nossa geração que habita Brasília optou por ela, qualquer que tenha sido a razão. Portanto, a população brasileira tem o dever de pensar, refletir e votar nesta primeira eleição que sela seu destino político, com a maior seriedade, consciente de que este voto determinará o seu futuro e o futuro das gerações que estão por vir.

■ Márcia Kubitschek é deputada federal e candidata a vice-governadora do DF pela Frente Comunidade